

NÓS POR CÁ, TODOS BEM – 23 de Março de 2019

NÓS POR CÁ, TODOS MAL

De facto, não estamos mesmo nada bem, particularmente as gentes da Beira e as que vivem na região Centro, que apanharam com o ciclone Idai directamente em cima. Estou em Moçambique há cinquenta e sete anos e não me lembro de nada assim tão devastador, apesar de ter vivido o ciclone Claude em 1966, o ciclone Domoina em 1984, a cheia do Zambeze em 1978, as cheias de 2000 no Limpopo e à volta, as cheias de 2001 e 2007 no Zambeze, a de 2013 no Limpopo, o ciclone Fávio em 2007. Nunca vi nada como isto, as imagens das televisões, as fotos e pequenos filmes feitos por muitas pessoas, as histórias relatadas pelos que estavam na Beira ou que já lá conseguiram chegar, são aterradoras, lembram-me a passagem do furacão Katrina em Nova Orleães, nos Estados Unidos. Isto é um desastre alucinante, uma tragédia desmesurada.

Eu ainda me sinto atordoado, com dificuldade de abarcar a verdadeira dimensão de tudo o que se passou: a Beira de rastos, sem água e sem electricidade há mais de uma semana, sem comunicações durante quatro dias, sem comércio, sem bancos, sem ATMs; bebés, crianças, adultos a morrerem no hospital porque este ficou muito danificado; a EN6, a grande estrada de ligação entre a Beira e Chimoio (e o Zimbabwe) cortada em vários pontos, com uma ponte arruinada, outras estradas em Sofala e Zambézia praticamente destruídas; distritos vários das províncias de Manica e Sofala isolados, centenas de quilómetros quadrados em que só se vê água, milhares de hectares de culturas perdidas; cheias em Tete, cheias na Zambézia, cheias no Búzi e no Púngòè. A ONU disse que este é o maior desastre natural alguma vez registado no hemisfério Sul.

Depois de um período em que parecíamos estar todos em estado de choque, surgiram finalmente as iniciativas de solidariedade, múltiplas, a partir da base, de pequenas associações, de grupos de amigos solidários, criados *ad hoc*. Apoios também de algumas das nossas grandes empresas, das associações muçulmanas, de algumas outras instituições. Emocionou-me ver dezenas, centenas de voluntários no porto de Maputo, a receberem e arrumarem os donativos em alimentos, roupa e outros que chegam de todo o lado, o não termos sofrido o desastre aqui em Maputo não nos alheou do sofrimento dos nossos irmãos mais acima. Esta tragédia fez, por agora, desaparecer outras identidades que não a de sermos moçambicanos e a de sermos humanos a reagirem ao sofrimento de outros humanos, moçambicanos, nossos irmãos.

A ajuda internacional começa também a chegar, com destaque para as agências das Nações Unidas, coordenadas pelo PMA, para a União Europeia. E para a África do Sul, os primeiros a virem ajudar, com helicópteros e barcos, em operações de resgate das pessoas. E para a Índia, que usou a sua marinha de guerra para fazer chegar

contentores de comida e roupa à Beira, foram os primeiros barcos a trazerem apoio. E agora também de Portugal, do Reino Unido e de outros lados.

Enviei-vos o link para uma entrevista que dei no início desta semana à Rádio Mais, razão pela qual escuso-me de repetir aqui as análises e os argumentos que ali apresentei. A situação começou a melhorar a partir de ontem, já não está a chover muito em Manica, as águas começam a baixar. Parece que a linha férrea Beira-Machipanda recuperou rapidamente de pequenos danos e está operacional, tem de ser aproveitada para apoiar a retirada de pessoas cercadas e até de viaturas bloqueadas pela EN6. Disseram-me que há problemas com o açude do Mavúzi, devido ao elevado caudal no rio Revuè (trazido pelos afluentes, não por descargas da Chicamba), com erosões nas duas margens e danos na central de comando das comportas.

Agora temos de garantir o mínimo de condições sanitárias, estão criadas as condições para o surgimento de um grave surto de malária e de cólera. Temos pela frente uma tarefa hercúlea, a de salvar vidas ainda em perigo e enfrentar o desafio da reconstrução, uma reconstrução que deve ser feita de modo inteligente, sem reproduzirmos os mesmos erros que contribuíram para a situação actual; e que deve ser feita de forma incorrupta e transparente, não podemos ter mais escândalos de roubos, como no passado.

O que aconteceu provocou um retrocesso de uma ou duas décadas. Vamos levar dez ou mais anos a recuperar. Mas temos de conseguir. Temos de conseguir. Se remarmos todos – todos nós – para o mesmo lado, temos de chegar a bom porto. Só precisamos é de não termos connosco no barco estas formigas muchém que comem a madeira e acabam por afundar-nos a todos.

COISAS QUE NÃO CORRERAM BEM

Dizem-me que este não é o momento de apontar o dedo ao que terá corrido mal, de ir à procura de responsáveis. Paciência, a esses sugiro que passem adiante. Porque eu não posso deixar de perguntar: onde está o exército, que ninguém o viu até aqui, com os seus homens, os seus camiões, os seus barcos, os seus helicópteros, as suas unidades de engenharia? Vimos na televisão meia dúzia de militares, com ar indolente, a limpar umas árvores na cidade da Beira. Nem sequer estavam a contribuir para manter a ordem pública, apesar de pessoas levadas para centros de acolhimento já se estarem a queixar que bandidos andam a saquear as casas abandonadas. Até dá ideia que o nosso exército não tem equipamento nenhum nem unidades de engenharia – o que seria inacreditável. Ouvi no dia 21, quinta-feira, o ministro da Defesa a dizer que o exército estava ocupado no Norte mas que agora, tendo visto a extensão do desastre, iam transferir meios para a Beira, o exército ia começar a colaborar na sexta-feira, dia 22 de Março. Parece que a compreensão lenta serve para justificar a reacção lenta.

Já agora, aonde é que pára a polícia, que também ninguém a vê? Aliás, impressionou-me que, na EN6, com a aglomeração de gente e camiões junto das zonas onde a estrada está cortada, não se tenha visto durante uma semana um único polícia, um agente da autoridade.

Com o ciclone anunciado como muito forte, com ventos previstos acima de 200 km/h, não houve um assessor, uma alma caridosa a dizer ao nosso PR que ir fazer uma visitinha à Suazilândia (agora e-Swatini) não era boa ideia? Com o ciclone anunciado, como é que a resposta parece (digo, parece, por aquilo que nos é dado ver) apenas ter começado a ser pensada depois de o desastre ocorrer? Um barco com provisões de primeira necessidade, grande parte dela doada por particulares e grupos *ad hoc*, apenas vai chegar à Beira **dez dias depois** do ciclone? Geradores, apenas uma semana depois? Pastilhas para desinfectar a água esgotam-se na cidade? Ficou claro também o impacto negativo de não termos navegação de cabotagem apesar das promessas repetidas de variados ministros do pelouro. É mais uma que temos de agradecer ao nosso ex-PR e ex-ministro dos Transportes.

A INFORMAÇÃO TEM SIDO MUITO DEFICIENTE

Quero aqui deixar uma palavra de grande apreço ao nosso INAM – Instituto Nacional de Meteorologia. O INAM fez os alertas atempadamente, avisou do ciclone com mais de uma semana de antecedência, como antes já tinha correctamente avisado sobre precipitações elevadas que iriam ocorrer em diversas partes do país. No que toca ao ciclone, nos dois ou três dias anteriores, os alertas do INAM foram subindo de tom, sobre a quantidade de precipitação e, particularmente, sobre as velocidades das rajadas de vento, acima dos 200 km/h. O INAM fez, e muito bem, o seu papel.

Com esta situação de emergência, era desejável termos *briefings* diários de um porta-voz do governo a dizer o que tinha acontecido nesse dia, onde é que a situação tinha melhorado, onde é que tinha piorado, que medidas estavam a ser tomadas. Não temos nada que se pareça, a estratégia de comunicação do governo, se existe, é um desastre.

Aliás, toda a informação sobre o que se está a passar é péssima. Tanto as instituições públicas como os órgãos de informação estão a fazer um trabalho fraquíssimo no que toca a manter o público informado.

Exemplo 1: a Direcção Nacional de Gestão dos Recursos Hídricos tem vindo a emitir diariamente o BHN – Boletim Hidrológico Nacional, com informação útil. Os órgãos de informação não se preocupam em divulgá-lo, o BHN fica do conhecimento de um número limitado de instituições e pessoas.

Exemplo 2: as televisões estão a passar repetidamente as mesmas imagens, não há actualização nem sequer se diz onde é que estão a filmar e em que dia, ou seja, não é informação.

Exemplo 3: nem jornais nem televisões apresentam mapas onde se vejam os troços de

estrada que estão afectados / cortados, as áreas que estão inundadas, etc.

A juntar a isto, há a desinformação, ampliada pelas redes sociais. Exemplos:

– Já está toda a gente a repetir que há mil mortos (não há, ainda estamos abaixo dos trezentos, o que o PR disse foi que poderia vir a haver mil mortos, até pode acontecer que esse número seja excedido).

– Correu o boato de que as barragens zimbabweanas (quais, aonde) tinham aberto as comportas e que Chimoio ia ficar debaixo de água. Se tivessem querido informar-se, saberiam que a capacidade total de armazenamento do lado zimbabweano é de apenas 25 milhões no Búzi e 15 milhões no Púngoè, mesmo que rompessem todas ao mesmo tempo iriam provocar uma cheia insignificante. Essas pequenas barragens não têm comportas, quando enchem, a água passa por cima. E tínhamos de ter o dilúvio para Chimoio ficar debaixo de água.

– Outro boato estúpido foi que a barragem de Chicamba estaria a romper (não está, felizmente) e que estaria cheia e a descarregar cinco mil m³/s (ainda está a 70% e a descarregar menos de 50 m³/s).

– Também se divulgou uma mensagem que ia começar uma ponte aérea para evacuar portugueses antes que se afogassem.

– E o Guardian escrevia isto em 20 de Março, a vila do Búzi deve ter crescido imenso:

Emergency teams are shifting their focus from rescue to delivering aid and evacuating Buzi, a town of 200,000 people that is expected to be partially submerged in the coming surge.

Por favor, a situação já é suficientemente grave e trágica, não precisamos disto, apenas prejudica, apesar das vossas boas intenções. Procurem verificar se a notícia é verdadeira antes de a difundirem.

PALAVRAS QUE SÃO MAIS DO QUE SIMPLES PALAVRAS

Tenho mandado mensagens de solidariedade aos meus amigos da Beira, como antes aos de Tete, enquanto procuro meios mais efectivos para lhes dar algum apoio material.

E tenho recebido inúmeras mensagens de amigos – da Holanda, da Inglaterra e, sobretudo, de Portugal. Gente que viveu aqui, gente que trabalhou aqui alguns anos, gente que passou por cá, gente até que nunca cá esteve. Mensagens curtas, mensagens longas, gente aflita, gente que chora connosco.

Aquecem-me o coração, estou-lhes imensamente gratos por me fazerem sentir que não estamos sozinhos.

DEVÍAMOS ADIAR AS ELEIÇÕES

Vejo duas razões principais para se considerar o adiamento das eleições gerais, não para finais deste ano, como está a propor a CNE, mas para o próximo ano, lá para os finais do primeiro semestre.

A primeira razão é de ordem logística. Se o recenseamento eleitoral já era uma tarefa difícil em condições normais, com a CNE e o STAE a queixarem-se de que os prazos para se conseguir realizar as eleições em Outubro eram extremamente apertados, agora as dificuldades aumentaram exponencialmente. A somar ao facto de a CNE já ter dito que o orçamento concedido pelo governo era insuficiente.

A segunda razão tem a ver com a concentração de esforços. Quando há eleições, a experiência anterior diz-nos que, três ou quatro meses antes, o governo deixa de funcionar – e não falo só do governo central, o mesmo acontece com os governos a nível provincial, com as administrações de distrito, a paralisação vai até ao nível do posto administrativo. Isto acontece porque a Frelimo, desde o início do consulado do ex-presidente Guebuza tornou praticamente inexistente a separação entre partido e Estado, ministros, governadores, directores e chefinhos, todos empenhados em garantir a vitória da Frelimo. Nas próximas eleições, com a Frelimo muito mais frágil e com muito mais em jogo (com a eleição, pela primeira vez, de governadores provinciais), esse “empenho” será muito maior.

Só que, na situação em que estamos, não podemos dar-nos a esse luxo. Já temos demasiados incêndios com que lidar ao mesmo tempo – a finalização do processo DDR com a Renamo e a assinatura do acordo de paz; o terrorismo em Cabo Delgado; o processo das dívidas ocultas; e, derivado dessas dívidas, este afundamento económico que está a matar as pequenas e médias empresas, sem que o governo pareça verdadeiramente preocupado com isso. Não podemos dispersar mais as atenções quando precisamos de concentrar os poucos recursos que nos restam e todos os que conseguirmos mobilizar junto dos nossos amigos para repor minimamente a normalidade da vida na Beira e em toda a região Centro. Não podemos dar-nos ao luxo de o governo, que já governa pouco e mal, deixar simplesmente de o fazer porque tem de ganhar eleições. O país, os moçambicanos não aguentam tal situação. Nem a aceitam.

SURREAL

No ano passado, Setina Titosse, antiga directora do Fundo de Desenvolvimento Agrário, foi condenada a 18 anos de prisão por ter roubado três milhões de dólares do FDA, através de esquemas diversos que foi montando ao longo do seu mandato. Mas não cumpriu um só dia de cadeia – ainda. Como é seu direito, recorreu. E enquanto se aguarda pela decisão sobre o recurso, Setina anda por aí, como se nada fosse. Podia esperar-se, por razões de simples decência, que se abstinhasse de actividades públicas até ao desfecho final do seu processo. Mas não, Setina age como se nada se tivesse

passado com ela, como se não tivesse tido casas e carros apreendidos e contas congeladas.

No passado dia 15 de Março, era palestrante num seminário de negócios em que ia falar a partir da sua experiência como “manager”! Ainda por cima, de acordo com a Carta de Moçambique, parece ter “pilhado” o poster e o logo de uma companhia americana de cosméticos, “Forever living”, que esteve recentemente em Maputo a recrutar vendedores. E o nome da empresa de Setina? “Forever business”. Onde lhe falta imaginação, sobra-lhe a lata.

UMA MULHER DÁ O EXEMPLO

Jacinda Arden, a PM da Nova Zelândia revelou-se uma grande dirigente exactamente quando o seu país e o mundo mais precisaram dela. No rescaldo imediato do ataque feito por um terrorista nazi a duas mesquitas em Christchurch, em que cinquenta pessoas foram assassinadas, ela disse o que precisava de ser dito sobre os imigrantes e muçulmanos que se estabeleceram na Nova Zelândia: **THEY ARE US**. Três palavras que dizem mais do que discursos prolixos.

Agora, acaba de anunciar que a Nova Zelândia vai proibir a venda de armas semi-automáticas, armas militares e todo o tipo de armas que se possam facilmente transformar em armas militares. Um exemplo para Trumps e bolsosfachos, que estes vão ignorar, infelizmente.

ACABEM COM ESSA MERDA PARA IRMOS À NOSSA VIDA!

Já ninguém pode com esta novela do Brexit, com a May, com o Corbyn, com o DUP, com os europeus do lado de lá do canal. Há dias, estávamos almoçar com uns colegas ingleses, era uma amostra representativa (um a favor do Brexit, um contra e uma indecisa), que apenas estavam inteiramente de acordo num ponto: Acabem lá com essa merda para irmos à nossa vida!

A May pediu uma extensão até 30 de Junho, a União Europeia pergunta se isso serve para alguma coisa. Concordaram num improvável 22 de Maio (se o “deal” da May for aprovado pelo parlamento, na terceira tentativa) ou em 12 de Abril, se se repetir o chumbo. Sem acordo, ou melhor, com um “no deal” que todos dizem não querer.

Coragem, ingleses, escoceses, galeses e norte-irlandeses! Que diabo, vocês são a gente do “stiff upper lip”, são os que aguentaram com as bombas do Hitler e ainda conseguiam dizer piadas, os que desembarcaram na Normandia no Dia-D a marchar e a tocar gaita-de-foles. Hão-de sobreviver. Vejam o nosso exemplo, aqui em Moçambique, ainda estamos vivos. O Nós por cá, todos bem manda-vos um grande abraço e promete voltar a Londres para o dar pessoalmente (e aproveita para ir à National Gallery).

PRESOS POLÍTICOS NA ESPANHA? SIM.

Vale a pena ler o artigo de José Pacheco Pereira no Público, sobre o julgamento dos políticos catalães que organizaram o referendo sobre a independência da Catalunha, um assunto que a grande imprensa internacional, conscientemente ou não, tem ignorado, <https://www.publico.pt/2019/03/16/mundo/opiniaio/lado-1865528>.

Neste momento estão a ser julgados em Madrid um conjunto de dirigentes políticos catalães eleitos, com funções na Catalunha durante o movimento pela independência, por “rebelião, sedição e peculato”. A acusação de “peculato” é ridícula, destina-se apenas ao esfregar das mãos dos seus adversários, dizendo que eles “roubaram” alguma coisa, quando a acusação diz respeito ao uso de dinheiros públicos, geridos pelo governo legítimo da Catalunha, para organizar os processos de referendo. Aliás, os argumentos jurídicos são a maneira neste caso de deixarmos de ver o essencial: estes homens foram eleitos para fazerem o que fizeram, contam com o apoio dos catalães e conduziram um processo pacífico destinado a garantir a independência da região da Catalunha, algo que não é alheio a direitos e garantias do próprio estatuto catalão e dos compromissos para a sua revisão. É um processo político puro, e os presos catalães são presos políticos puros.

...

Somos capazes de juntar umas dezenas de pessoas para causas remotas e obscuras – e quase sempre bem –, mas quanto a Espanha ou ficamos apáticos e indiferentes, ou, o que é pior, alinhamos com o coro espanholista. Esse coro vai varrer o PSOE e vai trazer o PP e o neo-PP, os Cidadãos, o Vox e muitos grupos junto dos quais o nosso Chega é um pacífico menino. O espanholismo dos dias de hoje, posterior à tentativa catalã, é genuinamente franquista, mergulha fundo na trágica história de Espanha do século XX.

...

A causa catalã está a passar momentos difíceis, mas só a cegueira é que pode pensar que vai desaparecer. Se os presos políticos catalães forem condenados, então aquilo que já é hoje o principal bloqueio da política espanhola, ancorando-a à direita, tornar-se-á uma fonte conflitual muito séria em toda a Espanha, onde a reivindicação nacionalista no País Basco, na Galiza e noutros locais vai mobilizar uma nova geração de desespero, e o desespero é mau conselheiro.

O MAIOR MATEMÁTICO É DEUS

Seria para dar uma boa gargalhada, se não fosse tão triste. A número dois do ministério da Educação do Brasil é Iolene Lima. Já não bastava a ministra ser uma doida varrida que devia estar internada num manicómio. As declarações de Iolene durante apenas um minuto mas o tempo é suficiente para ficarmos com os cabelos em pé (OK, isto é uma maneira de dizer, respeito muito os carecas, a começar por mim).

https://www.youtube.com/watch?time_continue=1&v=uk0kVP0RgP8

MESSI, O OMG

O jornalista do Guardian, ao comentar o Betis-Barcelona e o jogo de Messi, exprimiu bem o que todos nós, que gostamos de futebol, do espectáculo que se passa dentro do campo, sentimos no fim desse jogo: Oh My God! e o seu equivalente nas várias línguas do mundo, incluindo o português na sua versão mais vernácula, <https://www.theguardian.com/football/blog/2019/mar/18/oh-my-god-lionel-messi-hat-trick-stadium-left-in-suspended-animation-barcelona>.

Não sei quanto tempo mais irá durar Messi, talvez não muitos mais anos. Ver Messi é como ver Nureyev, tal como o grande bailarino, Messi também não obedece às leis da Física. Por isso, vos digo e insisto: vejam Messi enquanto podem, nunca houve nada assim (bom, talvez o Eusébio, mas isso são os meus olhos um pouco enviesados). Como diria o sempre útil Luís Vaz se visse Messi jogar:

*Cesse tudo o que a Musa antiga canta,
Que outro valor mais alto se alevanta.*

O INSPECTOR DE XINDZIMILA

Virgília Ferrão escreveu o seu primeiro romance, “O Romeu é Xingondo e a Julieta é Machangane”, quando tinha apenas dezanove anos. Dez anos depois, publicou o segundo, “O inspector de Xindzimila”. A edição é de 2015, li o livro agora. E gostei bastante de o ler.

“O inspector de Xindzimila” é um policial, género pouco ou nada praticado pelos escritores moçambicanos, creio. E o livro segue as boas regras dos romances policiais clássicos: criação de uma atmosfera de tensão, ameaças, assassinatos, um polícia de quem as pessoas começam a suspeitar, até ao emocionante desfecho final onde tudo se esclarece e se chega a um final feliz. Pelo meio, um complicado romance de amor com vários envolvidos, do género da canção de Chico Buarque *Carlos amava Dora que amava Rita que amava Dito*. Tudo isto a passar-se numa terra de Moçambique, que não existe mas que é igual a várias outras que conhecemos. Tal como os personagens que povoam este interessante romance.

Virgília Ferrão tem uma escrita escorreita, sem grandes arroubos literários, num tom sóbrio que se adequa à história. Uma ou outra fraqueza no decorrer do romance, gralhas que passaram despercebidas não deslustram este romance da jovem escritora.

O GRANDE SONHO

“The thing called love” parecia ter todos os ingredientes para ser uma boa comédia romântica: Peter Bogdanovich (“The last picture show”) como realizador, quatro jovens actores em ascensão – River Phoenix (“Stand by me”), Samantha Mathis,

Dermot Mulroney (“Young guns”), Sandra Bullock (“Speed”, “While you were sleeping”), música (country). Mas o resultado é um desapontamento.

Miranda Presley (Mathis) é uma cantora/compositora que chega de Nova Iorque para tentar o sucesso em Nashville, onde se encontra e torna amiga de Kyle (Mulroney), James Wright (River Phoenix) e Linda Lue (Bullock), todos eles cantores e os dois primeiros, compositores. A história segue a linha tradicional: a dificuldade de se conseguir ouvir entre tantos, Miranda oscilando entre o fiel Kyle e o atraente mas egocêntrico James, o coração aberto de Linda Lue, o sucesso de James, o desapontamento de Miranda. Há algumas boas músicas que se vão ouvindo mas o filme arrasta-se até ao seu final quase feliz.

É difícil explicar porque é que o filme fracassou. O meu maior interesse em vê-lo é que este foi o último filme completo de River Phoenix, irmão mais velho de Joaquin Phoenix. River morreu pouco tempo depois com uma *overdose*. No filme, a sua actuação é pouco convincente: em determinadas cenas, ele parece tentar uma reencarnação de James Dean, mastigando as palavras; em outras, parece simplesmente desconcentrado, sem coordenação com os outros actores, Li que, durante as filmagens, ele estava muitas vezes drogado e que Bogdanovich acabara por se desinteressar do filme. Uma pena ver tanto talento desperdiçado. Safou-se Sandra Bullock, espectacular em cada cena em que participa.

A VER NA PRÓXIMA SEMANA

No Canal Hollywood:

5ª feira, 28/3, 12h50, “The spectacular now”, com Miles Teller e Shailene Woodley, já aqui elogiei este filme.

6ª feira, 29/3, 12h, “Before midnight”, o último filme da trilogia “Before”, de Richard Linklater, com Ethan Hawke e Julie Delpy, belo filme.

Sábado, 30/3, 15h, o célebre “Butch Cassidy and the Sundance Kid”, com Paul Newman, Robert Redford e Katharine Ross. Quem nunca o viu, não perca.

No TV Cine 1:

3ª feira, 26/3, 17h50, “Três cartazes à beira da estrada”, três actores em grande forma.

6ª feira, 29/3, “Coco” (animação), belo filme da Pixar.

Sábado, 30/3, 18h05, “Lady Bird”, com Saoirse Ronan, filme já aqui elogiado. Também no Domingo, 31/3, às 9h15.

No TV Cine 3:

Sábado, 30/3, 15h55, “Ray”, excelente filme sobre Ray Charles. Repetido no domingo, 31/3, 8h45.

Domingo, 31/3, 21h15, “Wall-E” (animação). Quem ainda não o viu, não perca, é muito bom.

No TV Cine 4:

2ª feira, 25/3, 15h05, “Blade Runner”, de Ridley Scott, com Harrison Ford.
Imperdível.

POEMAS PARA O FIM-DE-SEMANA

Na companhia de Florbela Espanca.

EU

Eu sou a que no mundo anda perdida,
Eu sou a que na vida não tem norte,
Sou a irmã do Sonho, e desta sorte
Sou a crucificada ... a dolorida ...
Sombra de névoa ténue e esvaecida,
E que o destino amargo, triste e forte,
Impele brutalmente para a morte!
Alma de luto sempre incompreendida!...
Sou aquela que passa e ninguém vê...
Sou a que chamam triste sem o ser...
Sou a que chora sem saber porquê...
Sou talvez a visão que Alguém sonhou,
Alguém que veio ao mundo pra me ver,
E que nunca na vida me encontrou!

VOLÚPIA

No divino impudor da mocidade,
Nesse êxtase pagão que vence a sorte,
Num frémito vibrante de ansiedade,
Dou-te o meu corpo prometido à morte!
A sombra entre a mentira e a verdade...
A nuvem que arrastou o vento norte...
- Meu corpo! Trago nele um vinho forte:
Meus beijos de volúpia e de maldade!
Trago dalias vermelhas no regaço...
São os dedos do sol quando te abraço,
Cravados no teu peito como lanças!
E do meu corpo os leves arabescos
Vão-te envolvendo em círculos dantescos
Felinamente, em voluptuosas danças...

SER POETA

Ser Poeta é ser mais alto, é ser maior
Do que os homens! Morder como quem beija!
É ser mendigo e dar como quem seja
Rei do Reino de Aquém e de Além Dor!
É ter de mil desejos o esplendor
E não saber sequer que se deseja!
É ter cá dentro um astro que flameja,
É ter garras e asas de condor!
É ter fome, é ter sede de Infinito!
Por elmo, as manhãs de oiro e de cetim...
É condensar o mundo num só grito!
E é amar-te, assim, perdidamente...
É seres alma e sangue e vida em mim
E dizê-lo cantando a toda gente!